

A margem do "O cearense na Amazonia"

JURANDYR SALLES

Dezenas de artigos e trabalhos de fôlego já saíram à luz da publicidade sobre a Amazônia — a "Amazônia Misteriosa" de Gastão Gruls, a "Amazônia: a terra e o homem" do saudoso mestre Araujo Lima, inúmeros trabalhos outros de outeiros que já não vivem mais e, também, de alguns que ainda vivem hoje. Todas essas obras têm valor e oferecem subsídios científicos e literários aos pesquisadores, mas a Amazônia continua a ser aquela vigorosa e forte de Euclides da Cunha, "a última página, ainda a escrever-se, do gênesis", apresentando sempre partes novas, problemas intrincados para soluções, partes que se estão transformando dia e noite, graças aos fenômenos das sedimentações das terras do meio ambiente.

Se fôssemos enumerar aqui os varios livros e obras outras escritas sobre a Amazônia, seria formar um longo fio, pontilhado de opiniões, eivado de princípios fundamentais de sociologia, segundo o estudo realizado pelo autor. Livros há em que bases de ciencias, sobretudo, físicas e naturais, predominaram na matéria abordada; outros onde se centralizou o fundo sociológico de pesquisador, emitindo conceitos e argumentando e estudando com minudência os fatores, as causas de situação inevitável do ambiente amazônico. Frizamos dentre as obras dos nossos dias, que estudam a situação do homem ádvena na Amazônia, a de Samuel Benchimol. Moço de nossos dias, de nossa geração dessa geração que luta com um mundo cheio de cousas contraditórias. Benchimol estudou o imigrante cearense na Amazônia, a sua ambientação, a sua situação, a sua vida e seus revezes; a forma dos embarques, o aspecto das hospedarias, o transporte para os interiores amazônicos, a assistência e, enfim, o cearense na Amazônia.

"Terra Caida" aqui e ali, e famílias inteiras de ribeirinhos e de adventícios a debaterem-se ante a situação incerta de vida, vendo naquela cena desaparecerem os seus esforços na voragem das águas barrentas e revoltas, é o que constitui um aspecto do nosso interior abandonado desta Amazonia desprezada e distante...

Quanta luta enceta o seringueiro e o ribeirinho amazonenses para vencerem essa grande

força da natureza! Quantos gemidos, pedindo ajudas e também incentivo, do homem adventício e do amazônida, em meio da rudeza da terra voraz, da imaturidade e da exuberância, se levantam, em vão, das barracas perdidas nos "centros" e das "casas pernaltas", numa feliz expressão do doutor Ramayana de Chevallier!

Vida íngreme essa do seringueiro da Amazônia: soldado destemido das florestas. E' esse o panorama para quantos conhecem realmente a Amazônia nos seus recessos e meandros; para quantos tenham perlustado as suas matas e vivido nelas, sentindo o contacto das suas necessidades e das suas tristezas... Vemos, infelizmente, uma Amazonia sem assistência, faminta... Uma Amazônia lançada quasi ao abandono...

Quantos sonhos defeitos e ilusões desaparecidas para as famílias vindas do nordeste para esta terra, alegre se contentes, em vendo, de pronto, uma nuvem de desilusões cobrir as suas cabeças!... Mostrando a verdade, surge o engódo disso tudo, numa face mais compreensível que, circundado de realidades, apresenta a situação real do ádvena na Amazônia.

O vale dos sonhos dourados para o nordestino, que antepensara com mil cousas, quimeras e tesouros, agora passaria a ser chamado pelo mesmo nordestino, vítima que fôra da força ambiciosa das oligarquias dominantes do tempo, talvez por escárneo, de vale da morte. Para o homem que se viu na contingência de emigrar na sua terra natal, em busca de dias melhores para a vida, abraçando a sorte infeliz dessa circunstância, revoltas íntimas sentiria, arrancando maldições as mais graves e as mais incongruentes possíveis acérea do "hinterland" amazônico.

Benchimol é um dos raros moços estudiosos de nossos dias, um moço que está assumindo, presentemente, em Chicago, nos Estados Unidos da América do Norte, uma responsabilidade perante 45 milhões de brasileiros, como dissera ele próprio.

Ao escrevermos devemos falar sinceramente, principalmente, quando abordamos assuntos de transcendental importância para a terra natal. Aqui é tão somente o que queremos fazer, mesmo porque não nos vai n'alma qualquer sentimentalismo.

"O gigantesco cáos amazônico, para ser desvendado e compreendido, requer uma divinação quasi profética" (Legendas & Aguas-Fortes — Pericles Moraes). Não levamos essa divinação quasi profética a Benchimol. Mas o que se lhe assegura valor, mérito e prêmio, é o cunho realístico de observador minucioso que deu à sua obra;

a especulação a verdade a par de conhecimentos bibliográficos diversos e um poder estilístico brilhante que consolidaram as suas pesquisas e, consequentemente, a sua obra. Benchimol andou pelas hospedarias de imigrantes fazendo inquerito entre os elementos, reunindo material informativo necessário e mandou a sua obra ao Congresso Nacional de Geografia, onde a inteligência de homens cultos e maduros deram-lhe o direito que bem mereceu.

A Amazonia do sr. Alberto Rangel bem diferencia pela forma que lhe deu o escritor, que, em que pese a sua palavra no seu "Inferno Verde" a interpretou sendo um ambiente de morte, de maldição e intolerável à vida humana, colocando-se em franco antagonismo áquela poética de deslumbradora de Ladisláu — "Terra Madura".

Aludimos mais uma vez ao prof. Pericles por viver entre nós e ser uma autoridade sobre os interpretes da Amazonia e ser, ainda, mais do nosso conhecimento o seu livro — "Para ver a Amazonia e interpretá-la, era necessário uma imaginação criadora, que traduzisse em linhas convulsivas, a epopéia do homem, na luta angustiada e tenaz contra os imprevistos da natureza, desafiando a agressividade dos elementos físicos que circulam, surpreendendo a vida e a alma das florestas, emparelhado nos seus desvãos solitários, pontilhados de trechos sombrios "onde se diriana expressão de Alberto Rangel — que se acendem candelabros para uma festa de duendes" (Legendas & Aguas-Fortes, pag. 16)".

A imaginação criadora do autor, bem como o seu estilo diz o que de real é o homem e o que venha a produzir no campo das letras. Não fugimos à afirmativa de que o estilo é o homem e mesmo a clarividência disso o confirma. O estilo é a forma e a idéia. O estilo de Benchimol é perceptível a qualquer inteligência. Compreende-se facilmente a sua expressão. Sua obra é de uma linguagem simples e admirável.

A situação que deram ao imigrante nordestino vindo para a Amazonia, nestes últimos tempos, bem revela o descuido de que foram vítimas e o pouco zelo com que encararam o fixar do homem ao solo. A inadaptação surgiu logo e a mendicância, como resultado, se espalhou pelas cidades, pois, era o único meio de sobreviver à fome; era o único jeito para aqueles rebatalhos da sorte, entregues ao proprio destino de pária no vale. Benchimol fala nessa situação de privações, de misérias e de mortes em que se encontrou o nordestino na Amazonia.

Os imprevistos e os desvãos do "hinterland" amazônico de certo que, pela sua forma, davam ao ádvena uma sombra de médo e quasi fracasso ás suas empreitadas futuras para o trabalho da seringa. Assim mesmo o homem penetrou na mata, lutou e abriu caminhos em meio da floresta, porem a "agressividade dos elementos" e a situação abandonada em que foram lançados, reclamaram por esforços sobrehumanos para vencerem esses emperdedamentos do meio.

A paisagem que apresentam os recessos da Amazonia se reveste de aspectos curiosos. Nella o homem parece um gigante lutando com mil dificuldades; lutando com o rigor do clima, com a deficiência alimentar; lutando sozinho... pois lhe faltaram ajudas que vizassem os beneficios á região para os dias de amanhã e para o amazonia brasileiro de nosso interior.